

A importância do papel humanizador da literatura: refletindo o ensino de literatura nas escolas brasileiras

Isabela Cristina Gomes Ribeiro da Silvaⁱ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1398-3352>
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
E-mail: isabelaribeirowork@gmail.com

David da Silva Riotinto dos Santosⁱⁱ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4816-5328>
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
E-mail: sauloriotinto@gmail.com

Dra. Rosilene Felix Mamedesⁱⁱⁱ
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7290-0778>
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
E-mail: rosilenefmamedes@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo a reflexão da função da literatura na vida dos jovens e discute a importância do ensino de literatura nas escolas brasileiras, bem como o incentivo à leitura literária como situação formadora de cidadãos críticos e autônomos. Desse modo, ao longo do texto, há uma exploração do papel humanizador da literatura; a relevância da necessidade do ensino de literatura, bem como a reformulação do atual método deste ensino e o papel do professor enquanto mediador do texto e aluno. No que se refere à base teórica, nos apoiamos nos estudos de Todorov (2020), Rouxel (2012) e Rezende (2013).

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Papel humanizador.

The importance of the humanizing role of literature: reflecting on the teaching of literature in Brazilian schools

Abstract: This work aims to reflect on the role of literature in the lives of young people and discusses the importance of teaching literature in Brazilian schools, as well as encouraging literary reading as a way of forming critical and autonomous citizens. Thus, throughout the text, there is an exploration of the humanizing role of literature; the relevance of the need for teaching literature, as well as the reformulation of the current teaching method and the teacher's role as mediator of the text and student. With regard to the theoretical basis, we rely on studies by Todorov (2020), Rouxel (2012) and Rezende (2013).

Keywords: Literature. Teaching. Humanizing role.

ⁱ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/UFPB Laboratório de Estudos de Poesia (LEP).

ⁱⁱ Mestrando em Letras pelo Proletras – Campus IV/ Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

ⁱⁱⁱ Doutora em linguística – UFPB.

La importancia del papel humanizador de la literatura: reflejar la enseñanza de la literatura en las escuelas brasileñas

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre el papel de la literatura en la vida de los jóvenes y discute la importancia de la enseñanza de la literatura en las escuelas brasileñas, así como el fomento de la lectura literaria como una situación que forma ciudadanos críticos y autónomos. Desse modo, ao longo do texto, há uma exploração do papel humanizador da literatura; a relevância da necessidade do ensino de literatura, bem como a reformulação do atual método deste ensino e o papel do professor enquanto mediador do texto e aluno. No que se refere à base teórica, nos apoiamos nos estudos de Todorov (2020), Rouxel (2012) e Rezende (2013).

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Papel humanizador.

Submetido: 01/08/2023 | Revisado: 02/08/2023 | Aceito: 04/08/2023 | Aprovado: 07/08/2023.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Direitos do leitor:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular as páginas.
3. O direito de não terminar de ler o livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler não importa o quê.
6. O direito ao “bovarismo” (doença textualmente transmissível).
7. O direito de ler não importa onde.
8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de se calar.

Daniel Pennac

Em maio de 1933, ocorreu uma perseguição aos intelectuais, leitores e escritores da época, em toda a Alemanha, pilhas de livros foram queimados em praça pública, no intuito de fazer uma “limpeza” na literatura. No Brasil, em 2019, houve uma revolta por parte da população, devido uma fiscalização e apreensão de livros que são considerados inadequados ou impróprios, após essa atitude (des)governamental, a sociedade brasileira levantou a hashtag #NãoExisteLivroImpróprio. A partir desses dois acontecimentos, notamos o quanto a literatura, como um meio de pensar e conhecer o mundo, se torna questionada/proibida em governos autoritários e violentos.

É de conhecimento geral que, no país há alguns conceitos errôneos de que o ato de ler é maçante; são práticas pertencentes unicamente a elite ou os livros e a literatura não devem fazer parte do mundo das minorias sociais, mas por quê? Vemos também a literatura como algo ultrapassado e desnecessário, afinal, para que serve a literatura? O que agrega a vida de um sujeito um livro sobre um romance de época? Para que buscar interpretar o conto *A terceira margem do rio*? Quem se importa se fulano traiu ou não traiu? E por que ensinar literatura nas escolas? “É só texto”, muitos pensam. São tantas indagações que tentam, inutilmente, diminuir a imensidão da literatura. Entretanto, para chegar a um entendimento do porquê deve-se ensinar literatura nas escolas, devemos, antes, tentar compreender qual é o papel da literatura na vida de um leitor e pensamos, aqui, nesse primeiro momento, em um leitor nu, desprovido das intersecções de gênero, raça e classe. Apenas um leitor.

O que pode a literatura? Conforme o filósofo e linguista Tzvetan Todorov (2020, p.77) a literatura é “pensamento e conhecimento” do mundo em que vivemos. A par dessa concepção breve do filósofo, já fica subentendido as revoltas contra a literatura e como, por vezes, ela é discriminada. A literatura ressignifica a vida, por isso ela é temida. E para responder a indagação acima, vejamos a resposta do linguista para esse questionamento:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, uma revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir. (Todorov, 2020, p.76)

A literatura tem um papel a cumprir, um papel social de transformação em toda uma sociedade. O escritor Johan Goethe afirma que o declínio da literatura indica o declínio de uma nação, e isso nos remete a condição precária da educação brasileira em sua totalidade. Os escritores brasileiros continuam publicando frequentemente, os poetas gritam seus versos, porém a todo momento os jovens são persuadidos e afastados da literatura; seja no aumento da taxa de imposto dos livros ou quando as escolas públicas não recebem a menor estrutura para cativar a leitura e literatura. Entretanto, ainda com todas as dificuldades, os professores e leitores se mantêm firmes, o Nordeste foge dessas amarras estruturais contra a leitura e a literatura, de acordo com o *Retratos da Leitura no Brasil*, entre às dez capitais que mais leem no país, cinco delas pertencem ao Nordeste, e a pioneira é a capital da Paraíba, João Pessoa, com 64% da população leitora^{iv}.

A escritora Virginia Woolf argumenta que ler mudou, muda e continuará mudando o mundo, ainda segundo ela, a literatura liberta a mente. Assim, fica fácil compreender a razão da tamanha dificuldade em oferecer a literatura como algo essencial e vital na vida dos jovens e adolescentes durante seus anos de aprendizagem. Em um país cheio de injustiça como o Brasil, é comum que os governadores não se interessem pela emancipação mental, pensamento crítico e autonomia. A literatura não só muda o mundo, mas faz com que o enxerguemos. Em *A literatura em perigo* (2020), Todorov nos traz a citação de Benjamin Constant que enxerga a

^{iv} Informação retirada do site oficial da Veja.

literatura como um fenômeno interligado a outros, leiamos:

A literatura refere-se a tudo. Não pode ser separada da política, da religião, da moral. É a expressão das opiniões dos homens sobre cada uma das coisas. Como tudo na natureza, ela é ao mesmo tempo efeito e causa. Imaginá-la como fenômeno isolado é não imaginá-la. (Constant, 1807)

A literatura é como um reflexo, por isso é difícil encará-la ou possibilitar esse processo que faz pensar e torna pensante, com isso, ela possui esse papel humanizador. A linguagem nos diferencia das outras espécies e há uma relação histórica e social fundamental entre o homem e a literatura, pois a arte exerce funções básicas e necessárias como influenciadora, quando criada, ela (re)cria a sobrevivência do homem. Não há como pensar em um mundo sem arte, é algo que inexistente em uma sociedade funcional. De acordo com Antônio Cândido (2006), a literatura possui esse papel educador que molda a persona e o pensamento do indivíduo, a literatura é um acontecimento social que modifica e ressignifica os valores sociais, vejamos:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isso decorre da própria natureza da obra. (Cândido, 2006, p.30)

A partir desse entendimento da literatura como um agente de modificação humanitária, sabendo que ela torna os seus leitores mais humanos, conscientes e críticos, é uma obrigação social defendê-la, ensiná-la e, acima de tudo, lê-la. O crítico Afrânio Coutinho (1986, p. 79) argumenta que “defender a autonomia da literatura não é isolá-la, mas acreditar na eficiência de sua missão, de seu papel entre os homens”, por isso a defesa da literatura deve acontecer primeiramente em sala de aula, envolvendo os alunos ao meio literário de maneira que eles agreguem a literatura em suas vidas, para que as futuras gerações tenham mais possibilidades culturais e sociais, além de mais responsabilidade enquanto um cidadão crítico, pensante e político. Compreendendo toda a importância da literatura, iniciaremos agora um diálogo a respeito da literatura em sala de aula.

Introduzir a literatura na vida dos alunos de escolas públicas que, na maioria das vezes, não têm acesso à leitura em suas casas e vivem em condições divergentes, pode ser bastante desafiador, todavia, não é impossível. O professor age como um mediador entre texto e aluno,

e essa mediação possui grande relevância para que a literatura perdure no contexto social do aluno. Na educação infantil, a literatura ajuda no desenvolvimento da criança, na imaginação, na criatividade, fazendo com que as crianças conheçam outros mundos e tirem suas próprias conclusões sobre eles:

[...] a criança que se desenvolve com o hábito da leitura, utilizando a literatura infantil como alicerce, certamente terá possibilidade de ser um adulto com conhecimento de mundo mais amplo do que outros que não o fazem. As histórias contadas aumentam seu interesse, respondem algumas dúvidas e fazem com que criem novas ideias, opiniões, tornando-os, assim, seres reflexivos, críticos e criativos. (Fleck, 2003, p.78)

Dessa forma, vemos que a literatura assume um papel de grande relevância para o processo de alfabetização. Uma grande problemática no incentivo da leitura da literatura na escola é como ela, geralmente, é abordada/trabalhada em aula, visto que, dificilmente acontecem discussões e reflexões sobre o texto em si e a influência dele na sociedade e o que ele transmite. Há um acômodo retrógrado em expor o autor, sua biografia e em qual movimento literário ele se encaixa, mas não há a leitura ou a reflexão da obra. De fato, é inegável a importância em conhecer o autor e sua época para compreender o contexto da obra, contudo de que adianta o aluno saber que Clarice Lispector era ucraniana, se não houve um encanto ao conhecer a protagonista da *Felicidade clandestina*? O conhecimento da literatura, antes de tudo, está na obra. E é inquestionável que “a leitura de Literatura se tem tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar” (Brasil, 2006, p.54). Como assinala Rezende:

O mais comum é que o professor de ensino médio configure neste trabalho as mais diferentes estratégias: uma atividade oral de leitura de fragmentos pelos alunos, seguida por perguntas e respostas, sendo que estas já se encontram no manual do professor, ou seja, os alunos vão ter de se ajustar [...] com objetivo muitas vezes de manter o aluno ocupado [...] pesquisa sobre autores e obras, que os alunos fazem pela internet apenas baixando os arquivos [...] seminários sobre autores e obras cujo cronograma igualmente segue a linha do tempo da história da literatura nacional e a do antigo colonizador, etc. (Rezende, 2013, pág. 101)

A leitura deve ser enxergada como uma disciplina de tamanha relevância na situação ensino-aprendizagem, não adianta fazer com que os alunos saibam ler, se eles não conseguem pensar o texto, buscar novas interpretações e vincular sua informação com outras. O sistema

educacional parece dotar os alunos de uma capacidade que pouco se utiliza. Pensar o ato de ler como uma atividade que dá autonomia ao sujeito na sua forma de interpretação e contato com obras literárias representa uma realidade ainda distante do nosso ensino. As desigualdades socioeconômicas do Brasil promovem contextos nos quais o acesso ao livro literário, tanto nas escolas públicas como em bibliotecas, é praticamente inexistente à maioria da população; limitação cultural que, apesar das dificuldades, deve ser resolvida, principalmente, dentro da instituição escolar.

A disciplina principal para expor e incentivar a literatura, de forma rica e clara, como sabemos, é a Língua Portuguesa; sua importância está além do domínio da norma padrão, visto que é um meio de disseminar obras literárias do cânone (inter)nacional, assim construindo a cultura literária interna nos alunos. Entretanto, há alguns professores que seguem enraizados na prática de ensinar literatura como segundo plano, sendo o interesse principal um estudo mecânico, focado em identificar em textos literários as normas gramaticais, classes de palavras e pontuações. A leitura do texto ou do poema, é puramente maquinal, um pretexto para identificar um vocativo nos versos de um poema. Esse sistema além de fugir da proposta de conhecer a literatura, não possibilita ao aluno uma imersão no texto literário. Segundo Rouxel:

[...] a falta de interesse dos jovens pela leitura emerge na escola [...] A leitura exigida depende de uma série de observações formais [...] O texto é quase sempre um pretexto para a utilização de ferramentas de análise, sendo, portanto, uma rotina sem alma. (Rouxel, 2012, p. 14)

A par disso, é mister que os professores reformulem o ensino literário para ampliar as possibilidades deste em sala de aula, buscando meios de introduzir a literatura de maneira mais sensível e menos formalizada e engessada, respeitando a interação do aluno com a leitura do texto, mediando a interpretação e incentivando outros caminhos de análise e debates literários. Priorizando a leitura ao invés do resultado da leitura, como argumenta Rouxel (2012, p.15) “a atenção que é dada ao processo, pelo professor e pelos alunos, é que faz a formação do leitor”. O ato principal do ensino de literatura é ler, nesse momento devemos pensar em uma realidade em que os alunos de escola pública, na maioria das vezes, não têm quem os apoiem a ler, ou até mesmo estudar, não tem livros em casa, se quer pensa em ler, pois, ele não tem o entendimento básico do poder emancipatório da leitura. Ademais, é claro que esses jovens não possuem culpa

alguma sobre a falta de consciência a respeito dos estudos e da leitura, vivemos em um mundo onde as crianças de renda baixa pensam, antes de tudo, em sua sobrevivência, não há muito tempo para coisas consideradas difíceis ou não pertencentes a sua realidade. Entretanto, a sociedade brasileira deve pensar nesses jovens, incentivá-los a repensar o mundo para que eles possam ter mais escolhas/possibilidades em suas vidas, buscando romper alguns paradigmas sociais que limitam seus passos. Quando o aluno conhece outras realidades, ele vai repensar a dele, e é nesse meio que surgem as mudanças.

Outra perspectiva que é bastante válida no processo de construção da leitura literária é o de respeitar o contato do aluno com o texto e as suas experiências de mundo, visto que “cada leitor reage diferentemente em face de um mesmo texto, pensamos que o passo inicial de uma leitura literária seja a leitura individual, silenciosa, concentrada e reflexiva.” (Brasil, 2006, p.60). Cada aluno é um ser, por isso não desconsiderar que a leitura é um “acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo.” (Brasil, 2006, p.67), e isso traz diversas reações para com o texto, o que não significa tolerar toda e qualquer interpretação, o professor é um mediador que deve auxiliar o discente a ter uma visão que não fuja do texto.

[...] Devemos, então, transformar a relação com o texto, reintroduzindo a subjetividade na leitura, humanizando-a, retomando-lhe o sentido. A observação dos grandes leitores - escritores, críticos literários, filósofos - mostra que eles não renunciam a si mesmos quando leem e é seu investimento subjetivo que garante o valor dessa leitura [...] Isso nos convida a receber, na sala de aula, as "experiências de leitura" e, na pesquisa, a observar leituras liberadas de normas e protocolos escolares. (Rouxel, 2012, p. 14)

O ensino da literatura se faz urgente. Através dela podemos visar construir um futuro sem negacionismo e pensamentos concretos sem fundamentação científica, o sujeito em contato com a arte constrói, pouco a pouco, uma vivência crítica, pensadora e politizada. Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, “a escola deverá ter como meta o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” (Brasil, 2006, p.53), essa autonomia intelectual é forjada através do contato com as diversas realidades já escritas. No entanto, é fundamental garantir e motivar o aluno a experiência com o texto, para que ele mesmo tenha a liberdade e vontade de conhecer ainda mais:

Parece, portanto, necessário motivá-los à leitura desses livros com atividades que tenham para os jovens uma finalidade imediata e não necessariamente escolar (por exemplo, que o aluno se reconheça como leitor, ou que veja nisso prazer, que encontre espaço para compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e com os professores) e que tornem necessárias as práticas da leitura (Brasil, 2006, p.71)

Os PCN's, por sua vez, agem de maneira a auxiliar o docente nesse processo de mediação de objeto de ensino e aluno, ele pode nos ajudar a pensar algumas funções do texto literário durante a preparação da aula de literatura, guiando o professor em seu planejamento para alcançar o objetivo da sua aula: "Ultrapassa e transgredir para construir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a interpretação do mundo atual." (Brasil, 1998. p.26).

Podemos observar que, os PCN's articulam os conteúdos e objetivos de maneira direta e funcional, eles norteiam metodologicamente o processo do ensino-aprendizagem. Buscando informar como pode ocorrer a seleção de materiais para o desenvolvimento das aulas, seja textos orais ou escritos, especificando a função de cada gênero e mostrando como eles se relacionam para formular a aula, especificando uma reflexão cotidiana e usual daquele conteúdo.

É válido salientar que, é bastante enfatizado o pensar a leitura nesse material, vemos uma certa repetição, no documento, sobre garantir um foco específico na leitura individual, em grupo, autônoma e até em voz alta pelo professor. Entretanto, mesmo que haja uma certa preocupação com o desenvolvimento da alfabetização do aluno, há pouca orientação ou reflexão no que se refere ao ensino da literatura, como dito anteriormente, há esse cuidado com a formação crítica e leitora do aluno, mas na parte contextual e prática do ensino de literatura, há poucas menções. Vemos discussões sobre abordagens dos diversos gêneros textuais e suas funções no mundo, e como os alunos devem reconhecer o que é uma reportagem, para poder diferenciá-la do gênero notícia. Desse modo, persiste uma deficiência no que se refere a literatura como conteúdo único e formador de cidadãos. Pensando nisso, constata-se que mesmo nos principais documentos norteadores de ensino no Brasil, a literatura é tratada com certo desdém, como um objeto secundário a outros estudos normativos da língua.

Ora, se esses documentos que são formulados para promover uma reflexão acerca da

situação aula, e nele há apontado os objetivos gerais e específicos considerando a língua, a linguagem e os gêneros, fica evidente que subsiste uma sutil negação a literatura, ainda que não que seja intencional. Todavia, é uma falha que deve ser sanada urgentemente, para romper com as tão antigas práticas mecânicas e “sem alma” (Rouxel, 2012) no ensino de literatura. Com isso, nota-se que existem pontos fortes em pensar a leitura, o pensamento crítico, o contato com diversos gêneros, mas há essa dificuldade ao não especificar o trabalho com a literatura em sala de aula, deixando-a de lado, como se o seu papel fosse menor ou secundário a uma aula sobre as classes de palavras, os sinais de pontuação ou até mesmo ao reconhecimento dos gêneros textuais. Ademais, é pouco útil saber as principais características de determinado tipo de texto, se você não foi conhecê-lo na prática da leitura. Portanto, novamente, exige-se uma reformulação ou adequação nos documentos garantindo uma orientação a prática literária, para que escola exerça o seu papel social como provedora de experiências formativa para os estudantes, contribuindo em ampliar o seu entender, abstrair e problematizar o mundo, por meio das práticas de pensar o texto de modo crítico e autônomo, guiando os processos fundamentais para construir um cidadão que contribua para o crescimento da sociedade.

Até o momento, compreendemos o que é a literatura e o que ela pode em uma comunidade, o seu papel como agente ativa na transformação da sociedade, como humanizadora e idealizadora do pensar crítico e autônomo. Foi exposto o porquê de ensinar literatura e como algumas práticas em sala de aula pode limitar a sua natureza a um papel secundário que não a pertence, bem como a realidade dos estudantes das escolas públicas brasileiras, a importância do contato sensível com o texto e o respeito às experiências individuais dos estudantes durante a leitura, também foi abordado alguns acertos e erros dos documentos oficiais que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem. Agora, o seguinte parágrafo aborda uma situação relevante para o acontecimento da aula de literatura.

De fato, já foi repetido inúmeras vezes nesse texto a importância do contato com o texto, da experiência literária e do pensar o texto. Porém, um dos pilares para a realização da aula de literatura: o conhecimento do professor. Não há como ocorrer uma aula sobre determinado texto se o docente não tiver, anteriormente, lido o texto em selecionado. É algo que não pode ocorrer, por exemplo, em uma situação hipotética x em que o professor

entra em uma sala de aula, entrega um texto específico aos alunos e propõe a sua leitura, mas o mesmo não conhece o texto, pode até conhecer o autor, mas não teve pensamento algum sobre a obra devido à sua falta de contato com ela, como será desenvolvida essa aula? Qual reflexão o professor pode trazer a respeito do texto? Como ele vai guiar as interpretações dos alunos? Como vai mediar um debate sobre a obra? Através da improvisação ele pode até desenvolver, mas é uma atitude arriscada e pouco proveitosa.

É inegável que lecionar exige tamanha preparação por parte dos professores, dominação do conteúdo, competências linguísticas, didática, planejamento, metodologia, todas essas e outras competências são vitais para a situação sala de aula. E toda essa disposição deve ocorrer também para as aulas de literatura. O professor deve estar ciente da obra que vai abordar, como vai abordar, qual o intuito e quais possíveis discussões pode levantar para o aproveitamento da aula, para isso tudo ele deve ter tido previamente o contato direto com o texto. O professor deve ser um leitor assíduo, não só para promover a aula, mas para si próprio.

O professor leitor vai saber guiar os alunos no universo da literatura, podendo compreender e auxiliar as dificuldades durante o processo de leitura dos estudantes, como também tem mais propriedade para incentivar a leitura e a ingressar em outros textos. O docente que lê é sempre um convite da literatura para o aluno. É mister essa formação leitora por parte do professor, leiamos:

Uma das prioridades dessa formação é formar leitores. É preciso que os professores em formação adquiram para si e para os alunos uma cultura literária, refletindo sobre suas experiências de leitura e construindo sua identidade de leitor. (Rouxel, 2012, p.21)

Como explica Rouxel, a formação literária do professor age tanto para ele, como para os alunos. Além disso, se trata de um desenvolvimento estratégico para a condição aula:

A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura, uma vez que o professor opera escolhas de narrativas, poesias, textos para teatro, entre outros de diferentes linguagens que dialogam com o texto literário.” (Brasil, 2006, p.72)

É evidente que o processo de ensino de literatura acontece inicialmente com a

construção da intimidade do professor com o texto. Outro fator importante, é o repertório literário deste, dado que quanto mais variada for a sua leitura, mais ele pode contribuir para a formação cultural-literária dos seus alunos. Apresentando obras de diferentes leituras, temas e épocas, construindo uma biblioteca interior com os alunos não só da tradição canônica, porém trazendo escritores contemporâneos que estão dando seus primeiros passos ou até escritores anteriores que não foram tão reconhecidos como deveriam. Expandindo a mente dos alunos para que eles se encontrem nesse processo e possam por si só, desenvolver seu gosto literário e enxergarem como leitores, ao ponto de futuramente incentivarem a leitura também. Leiamos:

Parece, portanto, necessário motivá-los à leitura desses livros com atividades que tenham para os jovens uma finalidade imediata e não necessariamente escolar (por exemplo, que o aluno se reconheça como leitor, ou que veja nisso prazer, que encontre espaço para compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e com os professores) e que tornem necessárias as práticas da leitura. (Brasil, 2006, p.71)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, com base nas discussões desenvolvidas acima, tendo por intuito uma sociedade autossuficiente, igualitária e desenvolvida, fica evidente a importância de priorizar o bom ensino não só das demais matérias, como também da literatura e da arte. Visando que, aos poucos, os alunos das escolas brasileiras se integrem ao mundo literário, para que, essa imersão cultural, auxilie no processo de formação criativa, imaginária, crítica e cultural dos cidadãos do país. Com isso, contribuindo com uma sociedade menos ignorante e mais justa, para que haja futuras possibilidades em que a sociedade possa ser mais sensata e desenvolvida, bem como a individualidade de cada um seja mais rica e com mais caminhos e equidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Brasília: MEC/SEF, 1998. *Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias* / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

CÂNDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, Afrânio. “O Regionalismo na Ficção”. In: *A literatura no Brasil*. 6 Vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

REZENDE, Neide. *O ensino de literatura e a leitura literária*. In: *Leitura de literatura na escola*. São Paulo;Parábola, 2013.

ROUXEL, Annie. *Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor*. Tradução de Samira Murad. *Revista Criação & Crítica*, n. 9, p. 13-24, nov. 2012. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.